

Afinal, para que vale um festival de cinema?

Rogerio Sganzerla

especial para o JBr

Rencontro, confraternização, discussão, autocritica, avaliação geral do que se faz e se pode fazer mais pelo sofrido cinema brasileiro durante o seu 90º aniversário.

Descentralizando o corredor cultural (ou beco sem saída?) da produção-exibição-distribuição, encontraremos a verdade sobre a crise de credibilidade do próprio veículo, no Rio-S. Paulo... Crise de imaginação, repetia-se...

Sem falar na falta de informação filmológica.

Muito menos na pouca vivência dos autores em relação aos temas retratados. A pretensão é demasiada e a alma não é tão grande... Desse círculo vicioso (ignorância/ambição) os cineastas não escapam a não ser através de um sólido estudo do b-a-bá da filma-

logia. No máximo, familiarizaram-se com videotecas, mas infelizmente "VHS" não é cultura é lazer... A televisão é um eletrodoméstico e não substitue biblioteca. Cinema não se aprende no colégio e se reuniões resolvesssem os problemas de linguagem, os cineastas só estariam aptos para fazer atas. Felizmente, o alcante e o potencial da mídia se dirige em sentido oposto já cansamos de cópias, imitações, diluições não assumidas por seus respectivos (ir)responsáveis.

Um festival de cinema tradicionalmente revolucionário (sob o ponto de vista de idéias em movimento) como o de nossa capital, pode e deve constituir em período de reflexão sobre o potencial da sétima arte entre nós, dificultado ou retardado pelo deserdício permanente de fórmulas acadêmicas para viabilizar novas formas para conteúdos mais originais.

O público amadureceu muito mais que os "Lobbies" de cineastas...

Sabe-se que o sofrimento e a resistência durante os anos difíceis do autoritarismo não deram lugar a uma devida reconsideração do papel do cinema como antena da sociedade. Onde a anistia? O desrespeito, o abuso de autoridade e a violência contra o direito de expressão artística enfraqueceram o filme brasileiro até a penúria cultural, quando não à redundância e à mediocridade (muitas vezes agravada por atentados à inteligência). Assim, onde está o desaguadouro do gosto pelo filme empenhado, tantas vezes afirmado por realizações talentosas que não encontram o devido espaço e a oportunidade de projetar idéias definidas sobre o projeto de civilização?

Além da questão de falta de oportunidades reais para estreantes e veteranos, há o grave pro-

blema da distribuição.

Não pretendemos mencionar o óbvio mas é gritante o desperdício de filmes impedidos de alcançar o seu público. Inúmeros trabalhos de valor testemunham a respeito mais do que essas linhas despretensiosas, quase um desabafo crítico sobre a questão da desigualdade de oportunidades em uma semi-colônia. Enfim, P'ra que serve um festival de cinema?

Autoritarismo, intolerância e repressão devem dar lugar ao olhar atento sobre a realidade de nosso cinema. Caso necessário, temos provas práticas desse (ainda) "atual" estado de coisas — coisas que não são nossas, na linha de um pensador como Noel e os mais legítimos representantes da inquietação voltada para a revelação do corpo e da alma nacionais. Pior do que a extrema pobreza é a supra ignorância. O

não querer desenvolver o potencial de talento de nosso povo. A recusa em permitir a livre-circulação de idéias constitue um crime contra o direito de expressão, a vontade de elevar o baixo nível, o idealismo de inúmeros pioneiros que nunca desistiram de ser termômetro de nossa realidade, a despeito das incontáveis dificuldades para fazer cinema de valor histórico e cultural no continente brasileiro. Terei exagerado ou abusado da paciência do leitor? Vale a pena conferir.

O 21º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro começa hoje com um quadro vivo, insinuante, criativo (sobretudo na secção documental de memória histórica) e alguns exemplos de ficção mais ou menos bem administrados.

Mais Festival de Cinema de Brasília nas páginas 3, 7, 8 e 9.